

V Encontro Cearense de Ciências Sociais
Deslocamentos, Reconhecimentos e Pertencimentos: Educação e
Cultura Política na Contemporaneidade
26 a 29 de novembro, Crato – Ceará
GT 2: Debatendo gênero e sexualidades a partir de experiências
de campo nas Ciências Sociais.

Sexualidade sagrada e Prostituição: a Mulher e o sexo na cultura
Erlânio Soares Guimarães (Universidade Regional do
Cariri);
Monalisa Lima Torres (Universidade Regional do
Cariri).

Sexualidade sagrada e Prostituição, a Mulher e o sexo na cultura

Erlânio Soares Guimarães¹

Prof.^a Orientadora. Monalisa Lima Torres²

Resumo

Durante a Antiguidade, eram comuns em diversas civilizações orientais a realização de rituais religiosos que envolviam “práticas de prostituição”. Tais práticas eram realizadas em templos ou entre grupos religiosos e tinham como figura principal as sacerdotisas. Característico de sociedades matriarcais a mulher sacerdotisa era um símbolo de poder e conexão com o sagrado, o que lhe conferiu status social e religioso, ligando-a aos mitos e ritos daquelas culturas. O conceito do feminino pecado foi uma desconstrução da imagem da Deusa no patriarcalismo e monoteísmo, tirando esse papel simbólico da mulher. O objetivo deste estudo é realizar uma análise bibliográfica sobre a (re)significação do conceito de prostituição ao longo da história, mostrando os reflexos dessas transformações na própria ideia de mulher. Com esta pesquisa pretende-se contribuir para o debate acerca das contradições de nossa sociedade que ainda carrega aspectos de uma cultura patriarcal, o que reflete na nossa linguagem e práticas no que diz respeito aos valores e limites atribuídos ao uso do corpo da mulher e a consequente discriminação por elas sofrida.

Palavras-Chave: Sexualidade; Prostituição; Sacerdotisas; Bruxas

Abstract

During antiquity , were common in many Eastern civilizations conducting religious rituals involving " practices of prostitution ." Such practices were held in temples or between religious groups and had as main figure the priestesses . Characteristic of matriarchal societies the woman priestess was a symbol of power and connection to the sacred, thus conferring social status and religious, linking it to the myths and rites of those cultures . The concept of the feminine sin was a deconstruction of the image of the Goddess in patriarchy and monotheism , taking this symbolic role of women. The aim of this study is to conduct a literature review on the (re) signification of the concept of prostitution throughout history , showing the reflections of these transformations in the very idea of woman. This research aims to contribute to the debate about the contradictions of our society that still bears aspects of a patriarchal culture , which is reflected in our language and practices with regard to the values and limits assigned to the use of the female body and the consequent discrimination against them .

Key Words : Sexuality , Prostitution , Priestesses , Witches

¹ Graduando em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA)

² Mestre em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Introdução

A prostituição é considerada a troca do intercuro sexual de qualquer natureza por dinheiro ou favores materiais. A prostituição sagrada seria essa relação a partir de um sacerdócio em algum templo ou grupo religioso, onde a mulher seria vista como uma sacerdotisa que praticasse sexo com pessoas fora do casamento e dentro de um contexto ritual, onde a prática seria fundamentada nos princípios das religiões e culturas antigas que adotavam a ritualística mágica. Claro que a prostituição sempre foi uma forma de socialização das mulheres, visando o prazer de grupos de homens, que não podiam dispor integralmente de mulheres a seu dispor, como um serviço público criado naturalmente pela sociedade. Nesse sentido, julgar a vida das sacerdotisas como prostituição apenas em função de sua liberdade sexual e de seu descompromisso com o casamento formal seria uma visão preconceituosa e inadequada a verdade.

A prostituição, nos termos modernos, ligada a questão da moral, é vista como um problema social e como uma opção para mulheres que se encontram em condição de vida precária, de miséria e pobreza. Sua prática é mal vista por várias instituições e segmentos da sociedade e, no entanto, ela existe e subsiste amplamente em sociedades de todo o mundo. Se prostituição já foi sagrada em culturas antigas e agora é um tabu assim como o sexo fora do casamento visando algum tipo de troca (de tipo econômica) é chamado de prostituição, como esse pensamento foi sendo construído ao longo da história e por que a prostituição sagrada se extinguiu como elemento dos ritos religiosos e em seu lugar ficou apenas a visão mais profana, excludente e marginal dessa prática?

É fortemente disseminada, pelo senso comum, a ideia de que a prostituição seja a profissão mais antiga do mundo, muito embora não haja qualquer vestígio histórico ou antropológico que comprove tal afirmativa, visto que os mais antigos registros dessas atividades humanas revelam as mais variadas especializações e objetivos: como agricultura e caça – mas raramente revelam indícios de prostituição como a entendemos hoje (o que exige um contexto social posterior).

Em sociedades matriarcais, o sexo como ato sagrado era uma prática comum entre as sacerdotisas. Nessas organizações societárias o culto a Deusa Mãe comportava: ritos de fertilidade, agrícolas, pastoris juntos a natureza e as mudanças climáticas, de estações ou equinócios, nos quais a magia, o oráculo, o ritual e culto era regido e dirigido por essas mulheres

que, em função deste papel, detinham um poder social e religioso bem como uma liberdade além do comum entre as outras mulheres de suas comunidades, detendo respeito e tendo suas funções mágicas valorizadas entre todos do grupo.

Esse tipo de cerimônia, em muitas civilizações, marcava também ritos de passagem femininos, que foram extintos com o tempo. Assim, quando meninas atingiam a puberdade eram preparadas nos templos e instruídas a realizar “favores sexuais” em troca de presentes. Tal prática as elevava como seres honrados, como intermediárias entre o mundo profano e divino, entre o homem e a Deusa Mãe.

Mesmo em sociedades dominadas por homens, a existência das sacerdotisas além de dar um equilíbrio no que se refere a relação de poder entre os gêneros, mantinha a força matriarcal e o sucesso da paz e das colheitas, que dependiam da boa relação com os deuses, deusas e a as forças da natureza. Nessas culturas a religião era altamente ritualizada, e isso exigia uma total dedicação, fato observado desde a Mesopotâmia, Índia, até a Grécia onde também as sacerdotisas tinha uma função de oráculo, como em Delfos, o que revela a intensa ligação da mulher com a magia, o rito e a previsão do futuro em todo o curso da história.

Nosso objetivo é tentar compreender a evolução desse pensamento sobre o uso do corpo feminino e sua ligação à ideia de prostituição, saindo do contexto matriarcal e sagrado das sacerdotisas (que se torna uma prática marginal) ao campo do profano; das prostitutas e da prostituição e buscar apontar onde a imagem da mulher e do sexo perdem seu caráter divino e ganham a imagem da bruxa, da meretriz, da feiticeira; passando do templo ao bordel.

Em culturas nas quais a deidade suprema é feminina, o foco recai sobre a mulher, e a sociedade tira dela suas estruturas, seus ritmos, até mesmo suas cores. (...) Quando Deus era mulher, todas as mulheres e todas as coisas femininas gozavam de status mais alto do que jamais foi visto desde então na maioria dos países do mundo. Onde a Deusa reinava, também o faziam as mulheres. (MILES, 1989, pg. 48-49).

Metodologia

Partido do pressuposto de que a melhor maneira de se entender um fenômeno é não dissociá-lo das causas que influenciam e são influenciadas por ela, este artigo analisa o fenômeno da prostituição, as transformações e (re)significações que seu conceito sofreu ao longo da história, sobretudo, ocidental e os impactos sobre a ideia de mulher. Para tanto, realizamos uma pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico na qual buscamos, a partir da compreensão dos símbolos sagrados, dos deuses e de suas ritualísticas, entender a passagem de uma sociedade matriarcal, onde a mulher ocupa figura central, para uma sociedade patriarcal. Em torno desse processo constituiremos nossa análise acerca das transformações do conceito

de prostituição.

No que se refere ao campo de investigação, serão utilizados principalmente as obras *Sacerdotisas Sumérias* e *The Myth of Sacred Prostitution*, que levantam a questão da sexualidade sagrada entre os povos antigos e questionam as práticas dessas mulheres como sendo prostituição no sentido usual moderno do termo. Informamos também que outros autores, devidamente citados nas referências, foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Os autores selecionaram os conceitos/aspectos que consideraram essenciais para a apreensão da realidade observada. Assim, a abordagem e a interpretação utilizada aqui é apenas uma dentre outras tantas possibilidades.

As Sacerdotisas Sumérias

A cultura Suméria é uma redescoberta recente realizada pelos historiadores e arqueólogos. E através desta redescoberta, várias hipóteses têm sido formuladas no que se refere às antigas Civilizações do Próximo Oriente. Repensou-se o papel das sacerdotisas nos templos antigos da mesopotâmia sumérica, mas narra-se que Sargão de Akkad, rei sumeriano no ano 2334 a.c, teria oficializado a tradição do culto a deusa na formação do primeiro império, prestando culto a deusa Inanna, pela qual foi favorecido em sonhos. A partir daí, estabelece o sacerdócio feminino no culto a deusa através de sua filha Enheduana, que passa a representar a própria divindade na terra. (SCHÜSSLER, 2010, pag 3). Sabe-se hoje que o culto as Deusas e/ou a Deusa Mãe existe desde o Paleolítico e foi praticado em todas as culturas antigas, sempre associado a mulher como representante dessa imagem de mãe espiritual.

Inanna é a divindade ligado a fertilidade e natureza, seu nome, na língua Suméria, quer dizer “Rainha do Céu “. Devido a sua importância no panteão sumério ela tinha vários locais de culto – templos como os de Uruk. Posteriormente, sua figura é associada ao nome da deusa *Ishtar* Cabe colocar que a citada deusa possui atributos hoje ainda reconhecidos em Maria, mãe de Jesus, tais como virgem, esposa do Sol, senhora da Luz, primavera.

Na mesopotâmia, seu nome também foi *Ishtar*, e seu culto se estabeleceu em Ninive, Assur e toda a região, com vários nomes e várias simbologias inter-relacionadas a Mãe natureza, na qual a mulher ou sacerdotisa era sua representante. Nesse contexto, a prática da prostituição sagrada era bem aceita e respeitada levando as sacerdotisas a ocupar lugar de grande prestígio naquelas culturas.

As sacerdotisas não eram ridicularizadas e menosprezadas. Seu papel tinha suma

importância entre os sumérios, pois através destas a simpatia dos deuses era garantida. Eram respeitadas e valorizadas, pois representavam a encarnação da própria Deusa nos ritos realizados sendo destinados a elas direitos legais no Código de Hamurabi (SCHÜSSLER, 2010, pag 13)

Os deuses eram alimentados, vestido e presenteados. As oferendas incluíam alimentos que também eram consumidos pelos homens e usados para libações. Sendo queimados diante às estatuas incensos e madeiras aromáticas. Nesses rituais, a sexualidade não era excluída, a mulher era o centro do rito, pois representava a Deusa, isso dava ao sexo feminino o poder e o status atribuído a Sacerdotisa.

As sacerdotisas que se dedicavam ao sacerdócio normalmente o faziam de livre e espontânea vontade, pois o faziam pela deusa e assim também caíam em suas graças. Para os sumérios servir aos deuses era uma honra. Não é a toa que nas civilizações vindouras, estas mesmas serviços iriam ser reconhecidas como Graças (SCHÜSSLER, 2010, pag 13).

Nesse sentido, o intercambio sexual não tinha a conotação que tem hoje após a ideologia judaico-cristã tornar o sexo fora do casamento um conceito de pecado. A virgindade, nessas culturas onde a figura feminina ocupava lugar de destaque, estava relacionada a pureza da preparação da sacerdotisa, que tinham a função de manter/reproduzir os ritos ligados a manutenção do templo, do culto ao fogo e da preparação cerimonial dos inúmeros ritos de passagem elaborados. No código de Hamurabi, vemos várias leis que tanto protegiam como regiam o comportamento sacro dessas sacerdotisas, inclusive proibindo-as de abrirem tabernas, devido a seu compromisso religioso (SCHÜSSLER, 2010, pag 15)

Miles diz que quando a Mãe-Deusa perdeu seu status de sagrada e o poder a ela vinculado, iniciou uma violenta desvalorização das rainhas, sacerdotisa e mulheres comuns em todos os estágios da vida, do nascimento a morte, culminando com a perda do “direito materno”. (MILES, 1988, p.85) Neste sentido rever o papel da sacerdotisa e do feminino ao longo da história é entregar novamente o cetro de poder às mulheres, reconhecendo sua posição social ou espiritual.

Índia e Tantra

Existem controvérsias históricas de como os Arianos chegaram ao vale do rio Indo por volta 2.500 anos A.C e se estabeleceram entre os rios Indo e Saraswatí. Levando consigo sua cultura e viajando pelo oriente oriundos de viagens pelo Irã, Crescente Fértil, e outras

regiões eles chegaram trazendo consigo os Vedas, hinos sagrados para eles escritos em sânscrito, língua de tronco Indo-europeia hoje, e levando as armas, culturas, mitos que foram se desenvolvendo ao longo de sua jornada. No continente Indiano eles encontraram os Drávidas, povos que ali habitavam em cidades planejadas e que tinham suas línguas e costumes, a religiosidade drávida era ligada a Deusa que depois viria a chamar-se Kali, Durga, e a Shiva ou Pashupati, também um ser mítico relacionado à criação e a natureza, a dança e ao Yoga. (CAMPBELL 2002, pag 129)

Os povos que chegaram, através de um processo colonizador que nos é desconhecido, mas talvez tenham havidos inúmeros conflitos, tinham um sistema cultural patriarcal, e seus deuses eram guerreiros, ligados as forças da natureza, quando encontraram um sistema matriarcal e mágico sentiram enorme estranheza, porém os cultos mágicos foram assimilados na tradição que se chamou Védica, devido aos vedas que são os livros sagrados daquela etnia e passaram a fazer parte do quarto veda ou Atharva Veda trazendo para a tradição a magia, astrologia, meditação e sexualidade sagrada que posteriormente passou a ser conhecida aqui no ocidente através das Tradições Tantricas que interpretam a espiritualidade védica.

A cultura a partir desse período se torna profundamente ritualística dentro de um sistema de castas rígido. Os ritos de fogo ou Yajñs são evoluídos na forma de outras tradições de caráter sagrado e devocional, buscando um contato místico com os Deuses e Deusas e o êxtase e poder espiritual, esses ritos possuíam um caráter mágico mas também eram embasados filosoficamente pelos comentários aos vedas e, muitos deles abarcavam a sexualidade, os mantras como recitações, e um intrincado sistema de rituais que serviam do nascimento até a morte de cada pessoa, mesmo assim, os estrangeiros assimilaram vários ritos e conhecimentos dos Drávidas, e o colocaram no Atharva Veda, o quarto veda, fundamentando o que se chama de Tantra, e a mulher como sacerdotisa foi resignificada. Uma forma de fazer isso foi dentro dos templos, e uma tradição que foi herdeira desse período matriarcal foi a tradição das Devadasis.

Devadasi vem do sânscrito, Deva (deus) e dasi (serva). Seriam como as freiras no sistema cristão católico, sacerdotisas na verdade. Eram meninas dedicadas ao serviço do templo na Índia antiga. Os Rajás (reis) e o povo eram os responsáveis pela manutenção dos templos que eram o centro da prática religiosa Hindu. Situação que se transforma após a dominação Britânica quando as Devadasis quase desapareceram. As devadasis representam a devoção feminina a divindade, ou as pastoras (gopis) inflamadas de amor divino pelo seu deus Krishna ou Shiva ou outros, que intoxicadas de amor divino (bhakti) dançam e cantam para a

Divindade escolhida como marido numa sublimação direta da paixão humana para o amor Divínio.

A prática das devadasis foram também qualificadas pelos ocidentais de prostituição sagrada, embora essa seja mais uma visão preconceituosa e excludente dessa prática religiosa feminina, os vedas e as escrituras hindus demonstram que a prostituição era permitida e praticada entre os hindus antigos, no Kama Sutra fala-se em pagar tributos a elas e várias características e técnicas usadas pelas prostitutas, essa relação entre as devadasis e prostitutas é uma confusão preconceituosa decorrente do abuso que veio acontecer depois das influências externas e abuso dessas meninas (CHAWLA,2002).

As devadasis eram consagradas ao serviço no templo (seva, serviço) as meninas aprendiam dança, canto, recitação, mantras, rituais, meditação, sânscrito e dedicavam todo o seu dia e vida a adoração e serviço ao templo,era como se casassem com a divindade num ritual de consagração, porém, gozavam de plena liberdade para escolher a vida celibatária ou não. Por isso, quando da destruição e/ou abandono de diversos templos as Devadasis caíram na pobreza e/ou na prostituição pois os hindus tinham problemas em toma-las por esposa. Nesse momento, a prostituição já começa a ser carregado de todo um caráter simbólico negativo tendo em vista que grupos ortodoxos não compreenderam/aceitaram a liberdade de escolha sexual dessas mulheres, elas eram livres e tinham grande status social, ensinavam as suas artes e dançavam e cantavam para a comunidade, estando livres dos compromissos familiares normais, mas isso não pode ser tachado de prostituição (CHAWLA, 2002).

Missionários cristãos, médicos ingleses, líderes políticos, nobres e damas da corte inglesa fizeram um movimento no final século XIX, na Índia, para acabar com a prática das Devadasis acusando-as de prostituição, chamado de “anti-nauch”, baseados na sua visão, eles formaram uma campanha nacional na Índia para acabar com a prática das devadasis e promoveram conferencias, campanhas e pedidos políticos aos governantes, que pressionados acataram as reivindicações desses grupos que tinham uma ideologia religiosa e o apoio das mídias estrangeiras que residiam no País, a maioria cristãs.

Em 1988 a prática de Devadasis foi proibida pelo governo da Índia, devido ao registro de casos de prostituição e exploração de garotas muito jovens dentro desses sistemas. Acontecia que alguns pais se aproveitavam da prática para livrar-se do problema social que é ter uma filha mulher e acabava abandonando-as nos templos, onde surgiram denúncias de abuso sexual (de acordo com a perspectiva ocidental de abuso e prostituição), Essa proibição quase acaba com a tradicional dança Indiana que era feita apenas dentro do templo pelas Devadasis.

O que não ocorreu graças a alguns movimentos revivacionistas que conseguiram levar essa arte para fora do templo, ensinando inclusive a homens, garantindo nova expressão para a dança após o século XX, os movimentos revivacionistas buscaram fazer campanhas de conscientização sobre a importância cultural e religiosa dessas mulheres e da tradição, buscando desmanchar a imagem distorcida das devadasis como prostitutas, após isso, o governo Indiano tentou definir legalmente que a prostituição de menores devia ser combatida de forma geral, e não a prática religiosa em si, melhorando o contexto social das meninas aprendizes de devadasis.

Hoje, a prática de devadasis se mantém de outra forma, em outro contexto ou secretamente no templo sendo o hinduísmo uma das únicas religiões do mundo que preserva o Culto a Deusa ou a Mãe na sua prática religiosa e ainda mantém templos, no mundo todo, para Ela. Existem leis que regulamentam a entrega de garotas ao templo, tentando controlar essa prática para que os pais não usem esse sistema como forma de se livrar de filhas meninas, o que é um problema social para um Indiano pobre, é assim como vemos os fatores econômicos do capitalismo moderno influenciarem de forma direta antigas tradições e os choques de culturas gerarem preconceitos.

Kedeshah, a prostituição sagrada na Bíblia.

Na Bíblia hebraica as Kedeshah eram prostitutas do templo, geralmente associadas com a deusa Asherah. Seja qual for o significado do culto de uma Kedeshah a um seguidor da religião Cananéia, a Bíblia hebraica deixa claro que a prostituição cultural não tinha lugar no judaísmo monoteísta de Moisés. Assim, em Deuteronômio 23:18-19 diz aos seguidores:

Nenhuma das filhas de Israel será uma *kedeshah*, nem qualquer dos filhos de Israel ser um *Cades*. Você não deve trazer o aluguer de uma prostituta (*zonah*) ou o salário de um cão (*kelev*) na casa do Senhor seu Deus para pagar uma promessa, para ambos são abomináveis ao Senhor teu Deus (DEUTERONIMO, BIBLIA SAGRADA. Cap 23:18-19)

A lei de Moisés proibiu severamente a prostituição – para se ter uma ideia o termo *Zonah* quer dizer *semelhante a cadela* em hebraico. Além disso, o sistema patriarcal judaico exercia completo domínio sobre a mulher o que fica bastante visível na lei que exigia a fidelidade feminina (sendo o adultério passível de pena de morte) bem como nas funções sociais determinadas a elas: deveriam ficar restritas a exercer o papel de mãe ou dona de casa, artesã

ou similares sendo o sacerdócio, a guerra e a liderança atividades exclusivas da esfera masculina, deixando poucas opções para a mulher fora do casamento.

A Deusa Asherá hoje foi banida na história e religiosidade Israelita. Em relação a esta, temos algumas possíveis referências na Bíblia: em Jeremias 7:18, quando menciona holocaustos a Rainha do Céu, mesmo após o êxodo egípcio demonstrando que o culto a Deusa permaneceu sendo praticada, assim como em Reis :15:12 onde se observa que Asa depõe sua mãe da condição de rainha e também abole a deusa Asherá e seu culto, em Jeremias 7:44 as reclamações do povo ao profeta sentindo falta do culto a deusa, bem como as admoestações de Jeremias que suplicam para o abandono dessas práticas. (HADLEY, 2008)

Mantendo a campanha monoteísta que se instalou em Israel a partir da lei Mosaica, o combate a prostituição e o culto a deusa, como demonstra a Bíblia, foi uma luta constante tanto ao que se chama Idolatria (culto a deuses estrangeiros) como a prostituição ou adultério e os ritos envolvidos na floresta, nos montes (alusões diretas aos altares construídos a esses deuses e deusas chamados hoje pagãos), práticas progressivamente extintas dos povos do oriente médio a partir de severas punições constantes na lei mosaica, nas vulgatas, para por algumas razões possíveis se esconder esse conflito se traduziu o termo Asherá muitas vezes por Bosques ou campos de monteiros, a reforma de Josias demonstra esse caráter da pregação monoteísta que combateu a idolatria entre os hebreus, porém, claro, existem pessoas que não concordam com essas traduções e sugerem os debates sobre o assunto controverso. (HADLEY, 2008)

A visão patriarcal e monoteísta religiosa da Bíblia e dos povos do oriente médio se tornaram a visão religiosa das grandes religiões que preponderaram no ocidente, como Judaísmo, Islamismo e Cristianismo, essas visões trouxeram também a forma de encarar o feminino, a magia, a feiticeira, a prostituição e a sexualidade ou seja, uma moral e comportamento que se tornaram usuais no mundo todo chamado mundo cristão.

As deusas gregas e a prostituição

Os Indo-europeus, que sabemos ter migrado para o subcontinente Indiano do Cáucaso, também migrou para a Grécia, as evidências dessas migrações não estão apenas nas características físicas ou genéticas em comum desses povos, mas também nas evidências e semelhanças linguísticas e culturais, religiosas e de costumes que demonstram ser uma mesma

etnia que por razões diversas pode ter entrado numa onda migratória a partir do segundo milênio A.C. (BRANDÃO, 1996, pag 129)

De qualquer forma, como acentua Mircea Eliade, "Os Indo-Europeus tinham elaborado uma teologia e uma mitologia específicas. Praticavam sacrifícios e conheciam o valor mágico-religioso da palavra e do canto (*Kan). Possuíam concepções e rituais que lhes permitiam consagrar o espaço e 'cosmizar' os territórios em que se instalavam (essa encenação mítico-ritual é atestada na Índia antiga, em Roma, e entre os Celtas), as quais lhes permitiam, de mais a mais, renovar periodicamente o mundo (pelo combate ritual entre dois grupos de celebrantes, rito de que subsistem traços na Índia e no Irã, Eliade conclui, mostrando que a grande distância que separa as primeiras migrações indo-europeias das últimas, como já assinalamos, impossibilita a identificação dos elementos comuns no vocabulário, na teologia e na mitologia da época histórica (BRANDÃO, 1996, pag 130).

Na Grécia antes da chegada dos Jônios, Aqueus – que, aos poucos, colonizaram o território com sua cultura patriarcal e bélica – a deusa Mãe, era também reverenciada. Suas imagens representavam o feminino no aspecto de Mãe e fértil, como se retrata em estatuetas e vasos desse período. Além disso, seu culto parece estar ligado a chuva, ao solo, e aos antepassados. Essa Deusa e seus ritos mágicos foram, pouco a pouco, substituídos pelos deuses Gregos Homéricos e míticos Urânios, como Zeus e seus filhos, mas acabaram se mesclando a mitologia como era o costume dos antigos dominadores Indo-europeus. A partir de Homero e Hesíodo, em sua Teogonia, os mitos foram resignificados e a deusa Mãe como terra, se tornando Gaya perde seu status para os deuses Urânios ou celestes, como cita Eliade, e o Caos se torna a fonte de tudo no mito da criação Grega, destronando a deusa e por consequência, a figura feminina do cenário divino.

A todos esses cultos presidiam *sacerdotisas*, hipóstases da Grande Mãe e não sacerdotes, o que parece normal numa sociedade essencialmente matriarcal. As sacerdotisas são facilmente reconhecíveis pela coloração branca do rosto e pela indumentária: um bolero aberto no peito combinado com uma saia comprida, confeccionada de pele, pintada e guarnecida com uma cauda de animal, ou um vestido longo, normalmente em forma de sino; pelo uso da tiara e pelo fato de carregarem a bipene. O elemento masculino apareceu tardiamente no sacerdócio e, assim mesmo, como réplica da junção de um deus à Grande Mãe (BRANDÃO, 1996, pg.9)

Dionísio

Foi na Grécia que surgiram as Bacantes, ou Menades, seguidoras da Divindade Dionísio ou Baco (respectivo deus romano). Elas eram assim chamadas devido ao êxtase que viviam e experimentavam na sua relação mística com o vinho e a liberdade. Na Macedônia, de acordo com Plutarco, eram conhecidas por *Klodonas*, que cultuavam o mítico ser denominado Dionísio que quer dizer “duas vezes nascido”. Seu culto era ligado ao êxtase na floresta, ao

consumo simbólico da carne do deus, ao canto de orações místicas que, junto a dança e liberação sexual, buscando atingir o êxtase espiritual. As mulheres iam para a floresta e lá praticavam os ritos secretos, elas voltavam em êxtase e carregadas da presença da divindade, ethos, daí vem a etimologia da palavra entusiasmo.

Os devotos de Dioniso, após a dança vertiginosa de que se falou, caíam semidesfalecidos. Nesse estado acreditavam *sair de si* pelo processo do (ékstasis), "êxtase". O *sair de si* implicava um *mergulho de Dioniso em seu adorador* através do (enthusiasmós), "entusiasmo". O *homem*, simples mortalánthropos), em *êxtase* e *entusiasmo*, comungando com a imortalidade, tornava-se (anér), isto é, *herói*, um varão que ultrapassou o me/tron (métron), a medida de cada um. Tendo ultrapassado sua medida mortal, o *anér*; o herói, transforma-se em (hypocrités), *aquele que responde em êxtase e entusiasmo*, a saber, o ato (*Idem*, pg 119).

Os ritos a Dionísio, que também tinha um caráter iniciativo e secreto, fazia-se popular através das festas de comemoração de seu culto, acontecia durante a festividade chamada Anterestheria, a festa do vinho, realizada na época das colheitas, no equinócio da primavera, sendo um deus ligado a cultura da uva, a natureza, lua e vegetação, a festa era celebrada pelo povo com música de flautas e mascaradas, e muito vinho, a festa tinha suas sacerdotisas, as Menades, que faziam um rito de casamento com o deus numa cerimônia simbólica, tudo buscava levar a um estado de embriagues sagrada de comunhão com a natureza, onde a orgia era um processo que no final das festas levava ao clímax do êxtase nos bosques – As festas Dionisiacas foram de significativa importância para a população Grega. Eventos como as *Grandes Dionisiacas* de Atenas, em 534 A.C, eram festas populares que enalteciam não só o vinho, mas a poesia e a tragédia dramática, estimulando as artes e dando prêmios generosos aos poetas e artistas, As festas celebravam as tragédias, o teatro era cultuado e haviam prêmios para os grupos, os líderes eram ironizados e satirizados. Nietzsche em seu livro *O Nascimento da Tragédia* defende que o espírito Dionísio é a origem da tragédia grega com a narração do seu sofrimento, ao contrário da cultura Apolínea (relativa a Apolo) que só visa a estética do forte e do belo. (NIETZSCHE, 1992, pag 39). Essas festas foram proibidas, mas com o tempo, em vários países, o hábito de festejar e celebrar as colheitas e as chuvas com o vinho permaneceu, e após o cristianismo essas festas perderam seu significado dito pagão e foram domesticadas, se tornando festejos controlados pelos cristãos e clero e bem mais moderados, pela igreja, em Portugal essas comemorações ganharam o nome de Entrudo e foram trazidas para o Brasil no século XVII já com toda a significação Europeia, sem o sentido original mas ainda carregado de um sentimento profano e alegre que com o tempo, se torna a maior manifestação popular chamada Carnaval, de início a manifestação popular também tinha seu tom de ironia e sátira, liberdade e libertinagem mas cada vez mais o governo passou a controlar a festa e oficializá-la,

também então, controlando-a, mais uma vez, como satiriza o blogueiro Voltaire (SCHILLING, 2013) domesticaram Dionísio.

Com o crescimento do Império Romano, o culto e/ou festas a Dionísio também passaram a se chamar Bacanais, em homenagem as Bacantes. Com a moralização da Grécia, tais festas passaram a ser proibidas por decreto do Senado em 186 A.C através da lei *Senatus Consultum de Bacchanalibus* devido, inclusive, a questões políticas típicas do controle Romano sobre ao comportamento da população. O decreto proibia os Bacanais com pena de morte, o que significou não só o fim das Menades ou Bacantes que passaram a se esconder, como o início da moralização em Roma, o historiador Lívio citando a festa parece ser partidário dessa repressão.

Roma e a Prostituição

Foi em Roma que se criou o termo meretriz e prostituta para designar aquelas mulheres que vendiam seu corpo. A diferença de significado entre os termos reside no fato de que enquanto as *meretrix* eram legalizadas perante o Estado (eram registradas na cidade e pagavam impostos pelo exercício de suas atividades sexuais), as *prostibulae*, em referência aos locais ilegais que comercializavam o sexo, não eram registradas. Estas geralmente escravas, crianças abandonadas (que eram exploradas) e estrangeiras pobres. Mesmo com a discriminação, a prostituição foi aceita na Roma antiga até a Idade média de forma natural, a sexualidade em Roma era liberal em termos de comportamento, e era comum a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, não era visto também erro na prática entre patrões e escravos, e ao que parece as mulheres da elite se aventuravam a frequentar prostíbulos (FUNARI 2002, pag 90),

Para os romanos, ricos ou pobres, a sexualidade também era intimamente ligada à religiosidade e, em particular, ao culto à fertilidade. Em toda a parte, encontravam-se objetos fâlicos, nas paredes das casas, nos cruzamentos, como pingentes em colares, em anéis. As casas tinham, no telhado, falos nas extremidades, vestígio dos quais se pode ver nas casas atuais, agora já sem a forma de pênis, mas como uma telha que se alça de forma aparentemente inexplicável. Até mesmo as campainhas das casas romanas podiam ser em forma de um ou mais falos, que o visitante tinha de tocar para fazer o ruído e fazer-se notar. (FUNARI, 2002, pag. 88)

As bruxas de Roma a Idade Média

Nas leis romanas, a magia passa a ser considerada crime, sendo proibida em toda tradição jurídica latina. Em 81 a.C. foi instituída por Sila a *Lex Cornelia de sicariis et veneficiis* que regulamenta as ações legais contra a magia, o que incluía o feitiço do veneno, considerado conhecimento ligado à alquimia e a magia. Nesta lei temos a punição àqueles que atentarem contra a vida de outrem a mão armada, a confusão se dava devido ao veneno, usado para o assassinato, receber o mesmo nome que a poção mágica (*veneficium*), a ideia da Magia estava profundamente disseminada no mundo Europeu medieval, o Cristianismo não havia conseguido abolir essa ideia e até a sustentava com sua crença em demônios e espíritos, e a ciência ainda não dava explicação para algumas doenças, sintomas, e fenômenos naturais, a superstição era uma tradição oral amplamente divulgada e disseminada e é claro, a figura da mulher acabava sendo alvo fácil dessas crenças (MENON, 2008).

Foi durante a primeira Inquisição, no século XIII, que a bruxaria passou a ser severamente perseguida e condenada na Europa. Daí em diante surgiu também a representação do Diabo, a figura de Lúcifer, não mais representada como um anjo caído, mas um ser disforme com símbolos de deuses pagãos como chifres e tridentes (antes símbolos de poder passam a simbolizar o mal). É nesse momento que a bruxa ganha sua personificação e começa então a famosa caça às bruxas na Europa, onde se observa grande número de mortes e tortura a mulheres.

O período entre 1580 - 1670 consagrou-se como a era em que houve maior empenho na caça às bruxas, evidenciando toda a crueldade e autoritarismo em que se pautavam os mecanismos judiciais organizados para se extinguir o terrível flagelo que a feitiçaria representava. O imaginário a respeito das bruxas, ligado a um sem-número de processos inquisitoriais nos quais prevalecia a arbitrariedade de um grupo “seleto” e fanático pelo assunto, somou-se ao medo coletivo, influenciando ativamente o comportamento do homem da época. Dessa soma nasceu uma violência legalizada que chegou às raias do delírio e da insanidade. Determinadas localidades assistiram a um verdadeiro extermínio de pessoas acusadas de bruxaria; diga-se de passagem que em praticamente 80% dos casos tratava-se de mulheres. A título de ilustração, transcrevem-se aqui alguns dados mapeados pelo historiador Jean Delumeau na *História do medo no Ocidente*: No sudoeste da Alemanha entre 1560 e 1670 ocorreram aproximadamente 3229 execuções de pessoas acusadas de bruxaria; estima-se, também, que entre 1590 e 1680 a Escócia executou nada menos que 4400 condenados pela prática. Observando esses dados parciais se torna possível vislumbrar a proporção a que devem ter chegado as chamas da repressão (*Idem*).

Um exemplo do imaginário da época quanto a figura da Bruxa está no livro *Malleficarum*, de Heinrich Kramer e Jacobus Sprenger (2007), no qual se defende a ideia da Bruxa como a mulher associada atualmente ao demônio. Nesse texto, os autores associam diretamente a bruxaria à crença em deusas chamadas pagãs, retirando do mundo feminino a possibilidade de adoração a outra deusa de outros povos bem como a astrologia. A partir daí,

número considerável dos problemas sociais foram, com a vinculação da imagem da mulher ao demônio, identificados a bruxaria.

O Sabat

O Sababbath das bruxas era um rito, que foi símbolo da perseguição as bruxas e uma forma, citada inclusive no livro *Martelo das Bruxas* (*Malleficum Malleficarum*) como forma de identificar quem praticasse esse rito, esse nome deriva do termo Shabatt judaico, e é provável que esse relação de nomes tenha surgido na Espanha, quando inquisidores passaram a relacionar da mesma forma mulheres judias, grupos judaicos que praticavam seus ritos proibidos e aqueles que praticavam ritos mágicos em várias sociedades, grupos secretos, templos escondidos e florestas. (GINZBURG, 2004, pag 180)

No livro *Compendium Maleficarum*, de Francesco Maria Guazzo (2001), por exemplo, vemos que, na visão clériga, o sabbat era imaginado e descrito como um rito de pacto com demônio, sacrifícios humanos e vôos em vassouras. A maioria das descrições seria baseada em relatos, confissões conseguidas sob tortura e narrativas em julgamento de pessoas acusadas de bruxaria. Nesses relatos incluía-se mitos que até hoje escutamos como “beijar o anus de um bode”, falar heresias, cantos e dança, orgias, profanação ritual, sacrifícios de crianças, voos e pactos diabólicos, invocações etc. (GINZBURG, 2004, pag 198).

A partir da Idade Média, vemos como os estigmas e mitos impostos pelo imaginário masculino a condição da mulher como meretriz, bruxa, feiticeira, rameira e vários outros rótulos acabam por influenciar as normas de comportamento feminino ideal através de seus signos opostos como dama, dona de casa, mulher casta, religiosidade. Nesse sentido, colocam aquela que “insiste em manter sua liberdade”, sem o temor de cair em alguma dessas classificações, como a prostituição. Apesar disso, a prostituição e a magia se mantiveram, de forma reprimida e marginalizada, quase oculta pela noite, mas praticada através dos tempos no mundo todo.

Conclusão

Apesar das revoluções liberais, da declaração dos direitos humanos, da revolução industrial e todas as transformações que vêm acontecendo nas últimas décadas nas

sociedades democráticas ocidentais, ainda há muito o que avançar em se tratando dos direitos da mulher, das conquistas dos movimentos feminista, da igualdade de direitos entre homens e mulheres.

A partir do século XX a prostituição passou a ser vista como um problema mundial, combatido em vários países devido, sobretudo, a AIDS. Como medida de contenção do avanço da DST, buscou-se erradicar a prostituição, no entanto, a maioria dos países a entendeu como uma “prática comum”, procurando não criminalizá-la – como é o caso da Alemanha, Dinamarca e Noruega que a legalizaram. Outros Estados preferiram deixar a prostituição sem amparo jurídico, como é o caso do Brasil, onde não é crime, mas também tem suas ressalvas: é crime aliciar, explorar e comercializar a prostituição.

Em países mais conservadores, como Estados Unidos e Suécia, foi proibido legalmente tanto para a prostituta como para o cliente. Mesmo assim, muitos problemas sociais sérios são consequências da prática da prostituição dentro da modernidade: citamos a prostituição infantil ou adolescente, a exploração de menores, o tráfico de mulheres, cativeiro privado, exportação de meninas para o estrangeiro, turismo sexual, tornando a questão passível de várias discussões e dificuldades. O fato é que a cada dia, a prostituição se adapta, se moderniza, se profissionaliza com novos termos como garota de programa, acompanhantes, Scott girls, muito embora sua abordagem continue marginal e excludente, pois ainda carregamos, do passado os mesmos estigmas.

Não objetivamos, com esse artigo, defender ou apoiar a prostituição (ou mesmo a bruxaria, a feitiçaria ou expressões do gênero), porém, devemos ter em mente que o próprio corpo (ou o uso que dele se faz) adquiriu novos conceitos que foram sendo produzidos por um longo processo histórico e sociocultural e que o colocou como mais instrumento de expressão, trabalho e produção, adquirindo novos usos profissionais (como modelos, manequins, dançarinas de banda, ator de TV e cinema, atletas e jogadores). O indivíduo passa a explorar seu corpo como instrumento de trabalho gerando rendas através da beleza e de sua corporalidade. No entanto, quando o assunto é liberdade sexual do corpo, o tabu permanece e se retoma os velhos padrões ainda inculcados e recalcados na nossa cultura. Por isso, mesmo com todos os avanços da subjetividade a figura da “mulher que vende seu corpo” ainda é carregada de um valor moral negativo e depreciativo.

Vemos no Brasil histórias de prostituição ganharem a mídia, o cinema e a literatura. Um bom exemplo disso é o filme “O doce veneno do escorpião”, que conta a história da Bruna

Surfistinha mostrando sua trajetória, marcadamente decadente, da prostituição de luxo num universo urbanas e suas relações com a noite e as drogas. Nesse ponto, fica claro que a figura feminina ainda não tem, em sua plenitude, um controle ou realização plena de sua sexualidade, pois perdeu um status natural quando seu símbolo feminino continua a de um objeto de desejo, desvinculado de um reconhecimento natural da expressão de seu corpo bem como de liberdade sobre o mesmo.

Do mesmo modo entendemos a magia, quando, a partir da inquisição, todas as chamadas tradições místicas ganharam o título de ocultismo, esoterismo. Assim também muitas ideias e práticas, ritos e ensinamentos bem como filosofias se tornaram fechadas dentro de tradições herméticas. No entanto, observamos que desde o século XVIII há um grande crescimento da literatura mística, das sociedades secretas que divulgam seus ensinamentos e deixam de ser “absolutamente secretas”, passando a propagar ensinamentos. Um exemplo ilustrativo é Aleister Crowley, que fundou uma ordem iniciática que fez grande sucesso no mundo todo por seus livros e ideias pagãs, referenciando magias e deusas. Outro bom exemplo foi Alex Sander que fundou algumas das várias sociedades wicca no mundo. Wicca, como bruxaria moderna, é mais uma das várias propostas de resgatar os diversos ensinamentos antigos relacionados a bruxaria, com práticas University Of Chicago Press de Sabat e outras referências a magia natural, as deusas e práticas de afirmação do indivíduo ligado a natureza e a divindade.

A literatura sobre esses assuntos acaba sendo romanceada e popularizada quando autores utilizam do velho imaginário da bruxaria e da magia, como é o caso do livro Harry Potter de J.K. Rowling, que trouxe a temática da bruxaria para o mundo da literatura juvenil usando as antigas imagens do imaginário da bruxaria (como vassouras, passagens, encantos, varas, porções, mandrágoras, magias e seres do mundo fantástico da magia, alquimias e termos mágicos, conjurações e grimórios). Aliada a literatura mágica tradicional e a internet diversos grupos de adolescentes, adultos e mulheres foram criados para reverenciar e vivenciar esse “mundo encantado”, o que contribuiu para questionarem os velhos modelos de religião e crença e provocar, dentro desses grupos, significativas mudanças inclusive na forma de vestir, interagir socialmente e expressar-se, criando novos movimentos de espiritualidade.

A “onda” do chamado esoterismo e magia também não passou despercebida pelos grupos conservadores religiosos, de tal modo que livros e filmes dessa categoria foram classificados como “diabólicos e demoníacos” e, embora estejamos num estado laico, esses grupos chegam a proibir e pregar boicotes a esse tipo de literatura, prática e crenças nas dentro

de suas comunidades religiosas.

Retomando a discussão sobre a mulher, observamos que na modernidade sua imagem, quando associada ao poder e a fama, ainda incomoda. Em cima disso, vemos como artistas famosas e cantoras são frequentemente assediadas e identificadas ao “mal” por grupos ou pessoas atreladas a esses julgamentos conservadores. Como exemplo, citamos os diversos vídeos postados no youtube.com citando a apresentadora Xuxa como pactuada com o demônio, chegando a ser questionada sobre como uma mulher comum consegue riqueza e poder através da mídia. Existem disponíveis dezenas de sites, livros, DVDs, que buscam símbolos satânicos nos vestuários, cliques, letras e procuram mensagens subliminares nas canções de cantoras e cantoras de rock tendo em vista que símbolos pagãos como chifres, a cor preta, a lua, lobos, gatos, e vários elementos medievais associados à noite, ao feminino e a liberdade sexual ainda são signos do mal em nosso imaginário popular.

A questão que gostaríamos de levantar e discutir, sem uma resposta conclusiva, é quando a expressão individual da sexualidade e da espiritualidade na mulher vai ser, de fato, em seu universo simbólico e representativo, respeitada com garantias legais e defesa plena? Um caminho possível, ainda que precário, incerto e demorado seria através da educação e da cultura romper com essas imagens do passado, incentivando a aceitação do corpo, no qual uma mulher negra que pratique candomblé não seja chamada de macumbeira, nem uma menina indígena não seja criticada na escola, nem quando alguém resolve usar seu corpo e espírito com plena liberdade sem sofrer coerção e pressão ideológica graças a garantia e segurança de uma cultura e de hábitos construídos socialmente de modo que todos gozem de plenos direitos sobre seu corpo.

BIBLIOGRAFIA

BRANDÃO, Junito de Sousa. **MITOLOGIA GREGA**. Ed – Vozes : São Paulo. 1986.

BUDIN , Stephanie Lynn. **The Myth of Sacred Prostitution**. Ed- Cambridge University Press : Cambridge. 2008.

CAMPBELL, Joseph. **As Máscaras de Deus**. Ed – Palas Athena : São Paulo. 2002.

CHAWLA, Anil. **DEVADASIS – SINNERS OR SINNED AGAINST**. 2002. disponível em : www.samarthbarath.com, acessado em : 26/09/2013.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. Ed – Contexto : São Paulo. 2002.

GINZBURG, Carlo. **Ecstasies: Deciphering the Witches' Sabbath**. Ed - University Of Chicago Press. Chicago. 2004.

HADLEY, Judith M. **Asherá**. Ed - Villanova University : Villanova. 2008.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. 1991. **Malleus Malleficarum..** Ed - Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro. 2005.

MILES, Rosalind. **A História do Mundo pela Mulher**. Rio de Janeiro, Editorial Casa Maria, 1988.

NIETZSCHE, Frederich. **O Nascimento da Tragédia**. Ed – Companhia das Letras : São Paulo 1992.

SCHILLING, Voltaire. **Carnaval – Dionísio Domesticado**. Disponível em: <www.educaterra.terra.com.br/voltaire/500br/carnaval.htm>. Acesso em: setembro de 2013.

SCHÜSSLER, Regina – **Sacerdotisas Sumérias**. Ed - Revista Historiador Especial Número 01. Ano 03. Julho de 2010. Disponível em: www.historialivre.com/revistahistoriador. Acesso em: agosto de 2013.